



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

DENNIS CLÁUDIO FERREIRA

**O IDEAL ASCÉTICO DA MORAL CRISTÃ: CONTRADIÇÕES SOBRE O VALOR
DA VIDA A PARTIR DO PROJETO GENEALÓGICO DE NIETZSCHE**

**CAMPINA GRANDE
2024**

DENNIS CLÁUDIO FERREIRA

**O IDEAL ASCÉTICO DA MORAL CRISTÃ: CONTRADIÇÕES SOBRE O VALOR
DA VIDA A PARTIR DO PROJETO GENEALÓGICO DE NIETZSCHE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de
Filosofia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de licenciado em
Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araujo

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383i Ferreira, Dennis Claudio.
O ideal ascético da moral cristã [manuscrito] : contradições sobre o valor da vida a partir do projeto genealógico de Nietzsche / Dennis Claudio Ferreira. - 2024.
26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araujo ; Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC. "

1. Culpa. 2. Ideais ascéticos. 3. Moral cristã. 4. Valores morais. I. Título

21. ed. CDD 193

DENNIS CLÁUDIO FERREIRA

O IDEAL ASCÉTICO DA MORAL CRISTÃ: CONTRADIÇÕES SOBRE O VALOR DA
VIDA A PARTIR DO PROJETO GENEALÓGICO DE NIETZSCHE

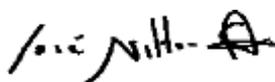
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de
Filosofia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em
Filosofia.

Aprovada em: 27/06/2024.

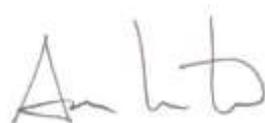
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Thalles Azevedo de Araujo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho aos meus pais, minha mãe, pelo exemplo de coragem, simplicidade e incentivo aos estudos, à memória do meu saudoso pai, que com célere determinação diante da vida, me ensinou através do seu legado, a relevante busca pelo conhecimento através da educação, e todos aqueles que me apoiam diante dos desafios e potencialidades da vida.

*“Não creio ser um homem que saiba. Tenho sido sempre um homem que busca, mas já agora não busco mais nas estrelas e nos livros: começo a ouvir os ensinamentos que meu sangue murmura em mim (...). Não é agradável minha história, não é suave e harmoniosa como as histórias inventadas; sabe a insensatez e a confusão, a loucura e o sonho, como a vida de todos os homens que já não querem mais mentir a si mesmos (...). Homem algum chegou a ser completamente ele mesmo; (...) Mas cada um deles é um impulso em direção ao ser. Todos temos origens comuns: as mães; todos provieram do mesmo abismo, mas cada um - resultado de uma tentativa ou de um impulso inicial – tende a seu próprio fim. Assim é que podemos entender-nos uns aos outros, mas somente a si mesmo pode cada um interpretar-se. (HERMAN HESSE, H. **Demian**. Tradução de Ivo Barroso. 2º Edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014 - Prólogo).*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A TRANSMUTAÇÃO DOS VALORES MORAIS: CRÍTICA A TRADIÇÃO MORAL NO OCIDENTE	9
3 O PESO DA CONSCIÊNCIA: EXPLORANDO A CULPA	14
4 ASCETISMO: IDEAL DA MORAL CRISTÃ.....	18
5 CONCLUSÃO.....	23
REFERÊNCIAS	25

O IDEAL ASCÉTICO DA MORAL CRISTÃ: CONTRADIÇÕES SOBRE O VALOR DA VIDA A PARTIR DO PROJETO GENEALÓGICO DE NIETZSCHE

Dennis Cláudio Ferreira

RESUMO

O presente trabalho decorre de uma análise sobre a origem dos valores morais a partir do protejo genealógico de Friedrich Nietzsche (1844-1900), um dos mais influentes no que diz respeito à crítica da moral. A base teórica deste artigo está na obra *Genealogia da moral*, de 1887, na qual Nietzsche analisa a origem e a construção dos valores morais. Como objetivo geral buscou-se compreender a origem dos valores morais, tendo como foco a moral cristã, ou seja, a procedência que rege os princípios e valores baseados no ideal ascético do cristianismo: identificando os argumentos e contextos fundamentados pelo autor a respeito dos problemas acerca dos ideais ascéticos; analisando os efeitos que podem repercutir na vida dos seguidores ascetas, a partir da crença na busca aos ideais ascéticos, neste caso em foco, o ascetismo proposto pelo cristianismo. O tema foi pautado no entendimento de como os valores morais foram tratados ao longo da história, no que concerne a crítica aos valores tradicionais. A metodologia corresponde à leitura das obras e trabalhos referentes ao tema proposto, desde a obra principal às correlacionadas. Pode-se refletir que os valores morais surgem de relações de poder e ressentimento e a crítica à moral cristã que aprofunda o declínio e o sofrimento. Tal reflexão continua a influenciar a filosofia contemporânea, incentivando uma reavaliação crítica da origem e funções da moral.

Palavras-chave: moral; ressentimento; culpa; má consciência; ideais ascéticos.

THE ASCETIC IDEAL OF CHRISTIAN MORALITY: CONTRADICTIONS REGARDING THE VALUE OF LIFE FROM THE GENEALOGICAL PROJECT OF NIETZSCHE

ABSTRACT

The present work arises from an analysis of the origin of moral values based on the genealogical project of Friedrich Nietzsche (1844-1900), one of the most influential figures regarding the critique of morality. The fundamental basis of this article is the book *Genealogy of Morality* (1887), in which Nietzsche analyzes the origin and construction of moral values. The general objective is to understand the origin of moral values, focusing on Christian morality, that is, the origins that govern the principles and values based on the ascetic ideal of Christianity. This involves identifying the arguments and contexts presented by the author regarding the problems associated with ascetic ideals and analyzing the effects that may impact the lives of ascetic followers due to their belief in the pursuit of ascetic ideals, specifically the asceticism proposed by Christianity. The theme is based on understanding how moral values have been treated throughout history, concerning the critique of traditional values. The methodology involves reading the works and studies related to the proposed theme, from the main work to the correlated ones. It can be reflected that moral values arise from relations of power and resentment and that the critique of Christian morality deepens decline and suffering. This reflection continues to influence contemporary philosophy, encouraging a critical reassessment of the origin and functions of morality.

Keywords: morality; resentment; guilt; bad conscience; ascetic ideals.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objeto de estudo a metafísica da moral cristã segundo o pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), tendo como foco os possíveis desdobramentos ou consequências a respeito da sua crítica à crença ao ideal ascético da moralidade cristã, além de outros ascetismos correlacionados. Tal trabalho está baseado na obra intitulada *Genealogia da moral*, de 1887, que visou investigar a origem e o significado dos valores morais a partir de sua conjuntura no processo histórico cultural da humanidade. Nietzsche analisou de forma crítica a origem dos conceitos de “bom”, “mau”, “culpa” e “má consciência”, além dos chamados “ideais ascéticos”, discutindo como essas noções foram construídas ao longo da história e como influenciam a cultura, e por sua vez, a forma de vida das pessoas, vale salientar que tais conceitos fundamentam o surgimento do ascetismo.

O pensamento de Nietzsche decorre desde a crítica da metafísica platônica à moral cristã, correlacionando outras abordagens de ideais ascéticos, tais como a própria filosofia, a ciência, a arte e as religiões. O platonismo supervalorizou o mundo ideal, das formas eternas, o que implicou na desvalorização do mundo sensível. Negar a realidade terrena é recusar, por sua vez, a própria vida e a realidade humana, este traço se faz presente na metafísica platônica, como também visto na moral cristã. Com base nisso, Nietzsche irá criticar veementemente a metafísica da moralidade judaico-cristã, que significa abolir a ideia da busca pelo mundo transcendental como valor supremo, considerando o que para ele é o verdadeiro valor da vida.

A partir da obra de Nietzsche pode-se pensar sobre o problema dos ideais ascéticos, analisando o modo de existência fraca típica da moral do ressentimento. O direcionamento desse trabalho é uma análise da crítica nietzschiana a respeito da moral cristã, trazendo como proposta o seu ideal ascético, ou seja, a busca pela transcendência espiritual através da renúncia aos impulsos e pulsões da vida humana, adotando assim um modo de vida associado a práticas de autocontrole, abstinência, daí a negação da vida terrena. Entretanto, isso tem como consequência o ressentimento, a consciência de culpa, a partir do não cumprimento das regras morais impostas pela moral, afetando, assim, a vontade de potência do indivíduo.

Na perspectiva da filosofia nietzschiana, faz-se necessário o questionamento dos valores e das crenças impostas durante todo o processo de sociabilização do homem. Decerto, é de grande relevância compreender filosófica e historicamente os fundamentos da moral cristã, tendo em vista um olhar crítico sobre as razões pelas quais os indivíduos são levados a crer em certos conceitos e valores como verdades absolutas. Pode-se dizer que ainda muitos creem de forma superficial ou por uma “imposição” de uma moral de rebanho, ou seja, não há um conhecimento profundo sobre sua própria crença, “crer por crer”, e o que pode ser percebido como contraditório e conseqüente à própria vida do indivíduo: “Artigo Quarto - A apologia da castidade é uma pública incitação ao antinatural. Desprezar a vida sexual, enxovalhá-la com noção de “impuro”, eis o verdadeiro pecado contra o Espírito Santo da Vida” (Nietzsche, 2000, p. 110).

Justifica-se, desse modo, um olhar em termos de curiosidade epistemológica dos indivíduos sobre as reais implicações de crenças interpretadas como absolutas, e por sua vez, influenciar em um comportamento inconscientemente restritivo ou

negativo ao seu modo de vida. A tese de Nietzsche sobre este ponto é a seguinte: o ideal ascético não só exprime uma vontade fraca, como até mesmo é uma astúcia da conservação da vida, para ele, este ideal nasce do instinto de cura e proteção de uma vida que degenera, desse modo, ocorre exatamente o contrário do que acreditam seus seguidores, sendo um artifício para preservação da vida. O homem passa a crer neste ideal como refúgio de sua luta fisiológica com a morte, com o desgosto pela vida, com a exaustão, é a partir de tal situação que o líder espiritual, o sacerdote ascético, passa a exercer seu desejo de poder e simultaneamente domesticar seu rebanho que se encontra inseguro, frustrado e doentio. Contudo, acreditar neste propósito, é objetivo de uma vontade fraca, doente, que se utiliza do ideal ascético, como meio de se continuar vivendo, dessa forma, a moral é uma astúcia da vontade de poder, visando converter o valor da vida ao ideal ascético, tornando a vida sem força, sem intensidade, onde o homem passa a negar o seu “eu”, submisso aos valores externos à vida: o Estado, a religião, a divindade. O homem deve afirmar-se (Sim) com base na ação de força ativa diante da vida, e não na força de reação ou de negação (Não) da vida.

Como objetivo geral, buscou-se compreender a origem dos valores morais, tendo em vista a moralidade cristã, com base no projeto genealógico de Nietzsche, ou seja, a procedência que rege os princípios e valores baseados no ideal ascético do cristianismo: identificando os argumentos e contextos fundamentados pelo autor a respeito dos problemas acerca dos ideais ascéticos; analisar os efeitos que podem repercutir na vida dos seguidores ascetas, a partir da crença na busca aos ideais ascéticos, ao valor incondicional da verdade, e refletir sobre os caminhos propostos por Nietzsche a respeito da vontade de potência.

A presente pesquisa tem como foco de estudo o pensamento nietzschiano a partir da crítica ao ideal ascético da moral cristã. Tal temática originou-se a partir da reflexão sobre as razões pelas quais o indivíduo introduz a crença neste ideal, na perspectiva de uma suposta afirmação metafísica. O desígnio da pesquisa é analisar, a partir de Nietzsche, a crítica à metafísica, atendo-se ao cristianismo, tendo como foco a questão da negação da vida terrena, a partir dos “valores” impostos pela moral cristã no Ocidente. Fazendo, assim, um percurso nas obras deste filósofo, contextualizando a construção histórica sobre o tema. Assim, os objetivos específicos deste trabalho se decorreram em: a) Compreender a origem da moral cristã, e por sua vez, a crítica ao ascetismo atribuído pelo cristianismo, segundo a perspectiva nietzschiana; b) Analisar as razões pelas quais o indivíduo introduz a esta crença e c) Verificar e refletir sobre o significado dos ideais ascéticos e os possíveis desdobramentos da crença na suposta afirmação metafísica da vida segundo o cristianismo, em detrimento da presente vida humana, tendo em vista os conceitos de “culpa” e “ressentimento”.

Para a fundamentação do tema, foi realizado o estudo da obra *Genealogia da moral*, de Nietzsche, com sua interpretação da transmutação dos valores morais e o contexto em que ele abordou. A genealogia atenta para a importância da busca pela origem da moral, da determinação do valor dos valores morais, sendo este o objetivo maior da *Genealogia da moral*.

Este artigo foi fundamentado por meio de pesquisas bibliográficas do filósofo e com obras que abordam o tema, utilizando o método qualitativo de análise da interpretação posta por Nietzsche a respeito do assunto. As pesquisas foram realizadas mediante ambientes acadêmicos e virtuais, permitindo a amplitude da pesquisa. A metodologia corresponde à leitura e fichamento das obras e trabalhos referente ao tema proposto, desde a obra principal às correlacionadas ao assunto, a

partir disso, foram realizados encontros com o orientador para possíveis esclarecimentos e discussões dos textos lidos.

A fundamentação introdutória sobre a investigação aos valores morais e ideais ascéticos decorre desde o contexto da filosofia antiga, sua crítica a Platão no que diz respeito à interpretação equivocada de Heráclito. Platão interpretou Heráclito de forma errônea porque Platão era um defensor do mundo das ideias imutáveis e eternas, enquanto Heráclito enfatiza a natureza fluida em constante mudança da realidade. A crítica ao platonismo, essencial em Nietzsche, está relacionada à ideia de que os ideais abstratos e universais, como a verdade, a moralidade e a razão, são construções humanas que muitas vezes restringem a vida e limitam o desenvolvimento individual. Para ele, esses ideais podem ser repressivos e impedir a realização plena do ser humano, ele passa a valorizar a perspectiva individual e a afirmação da vontade de potência como uma alternativa ao idealismo filosófico.

No contexto do ideal ascético cristão existe uma tábula de valores, cujo valor máximo é Deus, como bem que determina toda a existência, a orientação da vida está em valores sagrados transcendentais. Nietzsche critica o tal ideal por considerar uma religião que promove a negação da vida, a submissão e a moralidade baseada em valores de fraqueza. Ele argumenta que o cristianismo enfraquece o indivíduo e nega a busca pelo poder de superação de si. Desse modo, pode-se entender as repercussões que essa crítica nietzschiana aborda, desconstruindo os ideais tradicionais metafísicos, que afetam a real afirmação do valor da vida, seus instintos e vitalidade da humanidade, apresentando, em contrapartida, a vontade de potência, “ampliação de si”, liberdade, afirmação da vida.

O presente artigo está estruturado em três tópicos, haja vista a introdução onde são apresentados o tema a ser abordado, os objetivos, justificativa, problemática e metodologia. O segundo capítulo intitulado “A transmutação dos valores: crítica a tradição moral no ocidente”; o terceiro capítulo “O peso da consciência: explorando a culpa”, e o quarto capítulo “Ascetismo: ideais da moral cristã”. Além desta divisão estão inseridos a metodologia, conclusão e referências.

2 A TRANSMUTAÇÃO DOS VALORES: CRÍTICA À TRADIÇÃO MORAL NO OCIDENTE

“Caracterizar a filosofia de Nietzsche como uma filosofia do valor significa, antes de mais nada, salientar sua dimensão crítica, destacar o fato de que tematizar os valores é justamente questionar valores, suspeitar do valor dos valores. “De fato eu também não creio que alguém já tenha olhado o mundo com uma suspeita tão profunda” (Machado, 1999, p. 85).

Nietzsche visou entender a origem dos preconceitos morais, assim surgem às indagações: sob que condições o ser humano inventou para si os juízos morais de bem e mal? Tal processo agregou ou foi negativo para a humanidade? Gerou pobreza, degeneração da vida ou, pelo contrário, gerou vontade de vida, coragem? Ele aborda de forma crítica como se deu o processo de criação das noções morais no decorrer da cultura, questionando as bases da moralidade influenciadas pela tradição judaico-cristã. Nesse sentido, o tema moralidade remete-se às noções de “bom” e “mau”, tais noções para Nietzsche têm suas raízes nos conceitos de força e fraqueza, que foi transmutada ao longo dos tempos, sob a influência da religião.

A questão moral passou a ser ponto muito preocupante para Nietzsche, pois o valor do “não-egoísmo”, a moral da compaixão e humildade, eram vistos, segundo

ele, como um perigo para a humanidade, onde até mesmo notórios filósofos estavam absorvendo tal pensamento:

“[...] necessitamos uma crítica aos valores, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido [...]) Tomava-se o valor desses “valores” como dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento; até hoje não houve dúvida ou hesitação em atribuir o “bom” valor mais elevado que ao “mau”, mais [...] E se no “bom” houvesse um sintoma regressivo, como um perigo, uma sedução, um veneno, narcótico, mediante o qual o presente vivesse como que às expensas do futuro? [...] De modo que precisamente a moral seria culpada de que jamais se alcançasse o supremo brilho e potência do tipo homem? De modo que precisamente a seria o perigo dos perigos?...” (Nietzsche, 2009, p. 12).

As formas tradicionais de moralidade foram rigorosamente criticadas, baseadas nos conceitos de bem e mal, o conceito de juízo “bom” era originalmente decretado como ações não egoístas, louvadas e consideradas por aqueles aos quais eram feitas, aqueles aos quais eram úteis e pelo fato de terem costumeiramente sido como boas, foram também sentidas como boas, como se fossem um privilégio do próprio homem. A fonte do conceito “bom” não provém daqueles que fazem o “bem”, mas sim dos nobres, superiores na afirmação da vida, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, em oposição ao pensamento baixo (Nietzsche, 2009, p. 16). Nesse sentido, inicialmente o conceito “bom” estava ligado à utilidade da ação não egoísta.

Para percorrer o processo de transmutação dos valores, Nietzsche recorreu inicialmente à questão etimológica para as designações do conceito de “bom”, baseadas em diversas línguas que o bom remete ao “nobre”, “aristocrático”, no sentido de “espiritualmente nobre”, “espiritualmente bem-nascido”, espiritualmente “privilegiado”, ao contrário, portanto, do “espírito plebeu”, “comum”, “baixo” e finalmente “ruim”. Vale salientar, que os nomes apresentados aqui referentes aos “poderosos”, “senhores”, “guerreiros”, “nobres” e “plebeus”, não se apresentam como interpretação referente a classe social, mas relacionados à condição de espírito do indivíduo.

Os nobres sentiam-se homens de categoria superior e, assim, designaram para si o conceito de bom, o interesse nesse contexto é o traço do caráter, o nobre referente ao bom, em contrapartida o plebeu como comum, inferior, por sua vez, ruim (Nietzsche, 2009, p. 19). Ser nobre, segundo sua raiz, significa alguém que tem realidade, que afirma a si, em contraposição o plebeu é tido como covarde impotente diante da realidade. Porém, em um contexto de confronto entre sacerdotes e guerreiros (de constituição robusta para a aventura, caça, dança, torneios), que não entram em acordo em suas perspectivas, onde para os sacerdotes a guerra era um mau negócio, utilizam um espírito de vingança sacerdotal na inversão dos valores, isto é:

“(...) Foram os judeus que, com apavorante coerência, ousaram inverter a equação de valores aristocrática (bom = nobre = poderoso = belo = feliz = caro aos deuses), e com unhas e dentes (os dentes do ódio mais fundo, o impotente) se apegaram a essa inversão, a saber, “os miseráveis somente são bons, apenas, impotentes, baixos são bons, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem-aventurança – mas vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão

também eternamente os desventurados, malditos e danados!...” (Nietzsche, 2009, p. 23).

A rebelião judaico-cristã passa a cumprir seu papel na história da civilização, perpassando por séculos o espírito de vingança sacerdotal, tendo a abolição dos senhores, e considerando a vitória moral do homem comum. Esse envenenamento, segundo Nietzsche, exerce sua marcha na humanidade, tudo se judaíza, cristianiza, plebeiza visivelmente. Mesmo assim, os judeus principiam a revolta dos escravos na moral, uma rebelião que traz dois mil anos de história. A rebelião da moral escrava começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores, isto ocorre do seguinte modo: o ressentido nega a verdadeira reação, onde apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação, ou seja, apesar de se sentir injustiçado, ele não expressa sua frustração de forma direta e construtiva, mas reage de maneira reativa, criando uma moralidade baseada na negação da própria realidade humana, se ressentindo dos nobres, que exercem sua vontade de potência, não alcançando seus próprios objetivos e valores. Ao contrário, toda moral nobre que nasce do “Sim” a si, já de início a moral escrava diz “Não”, e este é seu ato criador; o “Não” refere-se ao externo, ao outro, fora, em vez de olhar para si, por ser algo próprio do ressentido, a moral escrava requer um mundo oposto para agir em absoluto, sendo no fundo, uma reação ao externo.

A moral escrava vincula-se aos fracos, oprimidos, em contraste, a moral nobre ou moral dos senhores, associada aos indivíduos fortes, criativos. Os nobres agem e crescem espontaneamente, dizem “Sim” a si com júbilo e gratidão “nós, os nobres, nós os bons, os belos, os felizes!” (Nietzsche, 2009, p. 26). Os “bens nascidos”, se sentiam mesmo felizes, eles não tinham de construir uma felicidade artificial, de persuadir-se dela, mentir para si (até mesmo de frente para o inimigo), como costumam fazer os homens de ressentimento, sendo assim plenos e repletos de força, necessariamente ativos, não separavam a felicidade da ação. Para eles, ser ativo era parte necessária da felicidade. Tudo isso ao contrário do homem impotente, fraco, plebeu, que não é franco, nem honesto consigo mesmo, ele ama os refúgios, os caminhos ocultos, tudo escondido agrada ao seu mundo, uma espécie de humilhação própria.

O homem do ressentimento inverte a relação da moral nobre, ao invés de celebrar a força, a virtude, a vitalidade, e a autoafirmação, passa a valorizar a humildade, a submissão e a renúncia, ele passa a transformar a fraqueza em virtude, retratando a força como algo maligno e imoral. O “nobre”, que era “bom”, passa a ser “mau”, pelo veneno do ressentimento. Nessa perspectiva, segundo Nietzsche, o homem europeu em sua cultura perde seu vigor nobre, a pretensão de se tornar maior torna-se descendente, indiferente, medíocre, o homem torna-se cada vez “melhor” no sentido contrário de um verdadeiro nobre, este é o destino fatal da Europa, o homem se perde em relação ao amor e reverência a ele mesmo (Nietzsche, 2009, p. 26-28).

O conceito de “bom” é concebido pelo homem do ressentimento. Nietzsche compara metaforicamente os poderosos como “aves de rapina” e os homens do ressentimento como “ovelhas”, estes últimos formulam o conceito de “mau” para os poderosos. E em reivindicação resultante da condição de opressão e fraqueza exortam mutuamente:

“sejamos outra coisa que não maus, sejamos bons! E bom é todo aquele que não ultraja, que remete a Deus a vingança, que se mantém na sombra

como nós, que foge de toda maldade e exige pouco da vida, como nós, os pacientes, humildes, justos” (Nietzsche, 2009, p. 33).

Vale salientar que os próprios impotentes se vestem de uma roupagem de virtude, os que se calam, renunciam, esperam, achando que isso é algo escolhido por eles mesmos, voluntário de si próprio, feito um mérito. Este homem precisa crer no “sujeito” livre para escolher. Pois o sujeito (“alma”) foi até o momento o mais sólido artigo de fé sobre a Terra, por possibilitar aos mortais, aos fracos e oprimidos, enganar a si com sublime falácia de interpretar mentirosamente a fraqueza como liberdade, e o seu ser, desse modo, como mérito (Nietzsche, 2009, p. 33-34).

Mas como ocorre essa fábrica de ideais na Terra? Segue a inversão de valores: a impotência é mudada em bondade, a baixeza medrosa, em humildade, a submissão em obediência, tal submissão é atribuída à divindade, até a covardia do fraco é considerada boa, pois esta é inofensiva, o seu esperar na porta recebe o nome de paciência, o não se vingar com perdão, ou seja, a fraqueza resume-se em virtude. A miséria é uma eleição e distinção por parte de Deus, além disso, toda essa negação de si será recompensada em felicidade segundo suas crenças, o que chamam de bem-aventurança ou a beatitude. Vale salientar que esse homem do ressentimento visa ser forte com a promessa do triunfo rumo ao Reino dos Céus (Nietzsche, p. 34-36). Além daqueles descrentes, filósofos, ateus, inimigos, serão consumidos pelo fogo, e em suma “(...) De resto, como são aquelas coisas que nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem subiram ao coração do homem? (1. Cor. 2). Creio serem mais agradáveis que o circo, que ambos os teatros, e todos os estádios” (Nietzsche, 2009, p. 39). É o que está preparado aos homens do ressentimento, esta é a “garantia” do ideal ascético.

As contraposições ou transformações do sentido dos conceitos nascem através da história humana, Roma contra Judeia, Judeia contra Roma, não houve acontecimento maior do que essa luta de oposição moral. Vale salientar, que o Apocalipse está apresentado como vingança desse processo moral histórico, Roma passa a reverenciar (ser domado) por três Judeus: Jesus de Nazaré, o pescador Pedro e o tapeceiro Paulo, os judeus conquistaram Roma, a Revolução Francesa e toda a Europa com seu ideal ascético sobre o ideal clássico (Nietzsche, 2009, p. 39,40).

A transmutação dos valores é um tema fundamental na filosofia nietzschiana, essa análise refere-se a sua crítica aos valores tradicionais da moralidade ocidental, particularmente aqueles baseados no cristianismo. Os valores tradicionais como o bem e mal, foram estabelecidos através do processo histórico e cultural que privilegiou certas ideias em detrimento de outras, tais valores são construções elaboradas e impostas à humanidade ao longo do tempo, muitas vezes com objetivo de promover a dominação e a conservação de um tipo de vida fraca. A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores.

O sacerdote ascético passa a inverter os valores, negando os valores da moral nobre. De que forma isso ocorre? Os termos “bom” e “ruim” se referem originalmente às características dos fortes e dos fracos, respectivamente. Segundo Nietzsche, inicialmente, os conceitos de “bom” estavam associados às qualidades dos nobres, dos senhores de guerra, que exerciam seu poder de forma direta e dominante, dos que afirmavam a vida. Pelo contrário, o “ruim” estava ligado às características e ações dos fracos, que eram vistos como inferiores e desprezíveis, que reagiam de forma negativa diante da realidade. Porém, Nietzsche argumenta que, ao longo do tempo, os valores foram invertidos, e os fracos ao reivindicarem

seus valores, a partir do seu ressentimento, passaram a seguir uma moral baseada no caminho da compaixão, da humildade e do ideal ascético, passando a serem considerados “bons”, enquanto reação à moral dos senhores, em contrapartida, os escravos da moral passam a considerar os fortes e poderosos como “maus”, por não seguirem os valores eclesiásticos.

Assim como o nobre cria para si a representação de “bom” a partir de suas ações, de atividade livre, de conquista, criadora e alegre, de forma oposta surge o “ruim”, aquilo que não faço, vale salientar que não se refere ao “ruim” vingativo, na acepção moral, mas o contrário de suas ações ativas. A valoração da aristocracia guerreira era um valor afirmativo, suas ações eram consideradas como “boas”, as ações contrárias, “ruins”. O sacerdote ascético define o que é “bom” não por uma afirmação, mas por uma reação aos nobres, aos quais ela se contrapõe. Para ele, o “bom” é o fraco, o plebeu, já o nobre, que age afirmando a si, com vitalidade, é “mau”, assim, por uma oposição, os sacerdotes consideram-se “bons”, porque fazem jejum, buscam a Deus; a vingança (“justiça”) não ocorrerá no plano terreno, mas no divino, estes são seus valores.

Nesse sentido, este “bom” é construído apenas em contraposição ao “mau”, ou seja, não se faz aqui uma valoração pela afirmação, mas pela negação do outro, do não-eu. A classe aristocrática não odiava, a sua “violência” era ação, não havia uma lógica da vingança, mas da conquista. Na transmutação dos valores, Nietzsche identifica outra lógica, o ódio e ressentimento por parte dos sacerdotes em relação àqueles que não seguem a moralidade cristã, estes são vistos como inimigos não no campo de batalha, mas inimigos espirituais, o homem deve sofrer, renunciar a si mesmo por amor ao Reino dos Céus, caso contrário serão punidos, como Nietzsche observa: “(...) Tomas de Aquino, o grande mestre santo (...) diz ele, suave como um cordeiro [abençoados no reino dos céus verão as penas dos danados, para que sua beatitude dê maior satisfação (...)]” (Nietzsche, 2009, p. 36).

Neste contexto, Nietzsche analisa na origem dos valores morais a existência de uma dicotomia: moral dos fortes e moral dos fracos, a moral saudável é dominada pelo instinto de vida, essa é uma posição naturalista da moralidade, portanto, já a moral natural (forte) é aquela considerada nobre, em contra partida, a moral dos fracos, seria uma repressão antinatural:

“A moral anti-natural, isto é, toda moral ensinada, venerada e predicada até agora, se dirige ao contrário, contra os instintos vitais e é uma condenação já secreta já ruidosa e descarada desses instintos. Quando se diz: “Deus vê dentro dos corações” diz-se não as aspirações internas e superiores da vida e se considera Deus como inimigo da vida. O santo que agrada a Deus é o castrado ideal. A vida finda ali onde inicia *O reino de Deus*.” (Nietzsche, 2017, p. 31)

No entanto, quando o “bom” se contrapõe ao “mau”, ocorre a transmutação, em suma, “bom e ruim”: nobre (ações de conquistas, livre, forte, alegre, afirmação da vida) e plebeu (ações de submissão, obediência, negação da vida em prol do ideal ascético); logo se inverte em “bom e mau”: plebeus ou sacerdotes (ações de compaixão, humildade, obediência, castidade) e nobres (ações afirmadoras da vida, não obediência à moral cristã). Vale salientar nesta análise da *Genealogia da moral*, que apesar de Nietzsche utilizar os termos: “aristocratas”, “nobres”, “plebeus” e “sacerdotes” para compreender o processo histórico da moralidade, ele os emprega na perspectiva de um caráter de espírito, o ser “nobre”, sendo “nobre” de espírito, de força, de afirmação da vida, e o “plebeu” no sentido de um espírito fraco, obediente.

Segundo Machado (1999), mais que uma filosofia dos valores, a perspectiva nietzscheana deve ser definida como uma filosofia da avaliação, da valorização que afirma que só a valor através da avaliação. Nesse sentido, através da avaliação pode-se compreender as decorrências das mudanças de valores, o “porque” da desvalorização da vida em nome de valores ditos superiores. Para ele, o mais importante diante dessa transmutação de valores, é criar novos valores “que sejam valorizes da vida”, propondo a criação de novas possibilidades de vida.

3 O PESO DA CONSCIÊNCIA: EXPLORANDO A CULPA

De maneira geral, a consciência refere-se à capacidade do ser humano perceber e compreender sua própria existência, seus pensamentos, sentimentos, sensações e a realidade ao seu redor. Para introduzir sobre o tema da consciência, Nietzsche apresenta a história sobre a origem da responsabilidade, o homem como um animal capaz de fazer promessas, tornando-se um homem confiável. O filósofo trata essa questão de forma crítica, pelo fato de o homem ter a necessidade de criar promessas para torna-se ele próprio, constante, necessário, para responder por si, como por vir. Neste contexto, nasce a “moralidade do costume”, com a ajuda da moralidade do costume e da camisa de força social, o homem se tornou confiável.

Em contrapartida, surge o indivíduo soberano, agora liberado da moralidade do costume, um indivíduo autônomo e supramoral, o que encontrou a verdadeira consciência de liberdade, que possui um sentimento de realização. Um homem possuidor de sua vontade, que dá sua palavra com segurança, porque sabe da força, até mesmo contra as adversidades ou “contra o destino”, este é o orgulho da sua extraordinária responsabilidade, a consciência dessa rara liberdade, desse poder sobre si, nasce o instinto dominante, logo este homem soberano chama-se consciência, assim, este homem pode se orgulhar e dizer Sim a si. Para Nietzsche, esse homem soberano está relacionado a ideia de um ser humano capaz de transcender as limitações impostas pelas normas sociais e pelas convenções morais tradicionais, vivendo de acordo com sua própria vontade e criando seus próprios valores. (Nietzsche, 2009, p. 44-45)

A consciência é construída com a faculdade da memória, Nietzsche chama de uma função de construção de memória que, neste contexto, foi arquitetado de forma forte e negativa, como explica tal axioma: “Grava-se algo a fogo, para ficar na memória: apenas o que não cessa de causar dor fica na memória” (Nietzsche, 2009, p. 46). A memória foi constituída no processo de sociabilização do homem através dos meios mais terríveis: apedrejamento, a queda da pedra do moinho sobre a cabeça do culpado, o esquartejamento com a utilização dos cavalos, a fervura do criminoso em óleo, o popular esfolamento, a prática de cobrir o malfeitor com mel e deixá-lo às moscas. Tais acontecimentos construíram a “razão”.

Diante da consciência surge outra “coisa sombria”, a consciência da culpa ou “má consciência”, essa culpa se dá na relação entre credor e devedor, na promessa. É preciso construir uma memória naquele que promete, o devedor, para introduzir confiança, para garantir a seriedade da promessa, e reforçar na consciência a restituição do dever por meio de um contrato empenha ao credor, algo que possua, como o corpo, sua mulher, liberdade e até mesmo sua vida ou, em circunstâncias religiosas, sua bem-aventurança, a salvação de sua alma. Assim também era no Egito, até o cadáver não tinha sossego no túmulo. A estranha lógica da compensação está em substituir um dano (como dinheiro, terra, bens) em uma satisfação íntima de descarregar seu poder, causando danos na “punição” ao

devedor, ou seja, o prazer de compensação estava no direito de crueldade (Nietzsche, 2009, p. 49).

No contexto das obrigações legais e da dívida, no sentido econômico-jurídico, está o foco de origem desse mundo de conceitos morais: “culpa”, “consciência”, “dever”, “sacralidade do dever”, em um processo histórico construído de sangue e violência com as punições de quem não cumpre seus deveres, daí uma relação de “culpa e sofrimento”. O causar sofrimento era prazeroso, mas até que ponto chegou à crueldade? Ela constituía o grande prazer festivo da humanidade antiga, a sublimação da crueldade atravessa a história da cultura, não se fazia casamentos de príncipes sem execuções e torturas (Nietzsche, 2009, p. 49)

A vida na terra era mais contente mesmo em um cenário de crueldade, porém o indivíduo na sua mais sádica contradição, criou para si (o ideal) próprio o “valor moral” da dívida ou culpa, passando a torna-se vítima de si mesmo. Surgiu o pessimismo, a vergonha do homem diante do homem o “Não do nojo da vida, com a moralização o bicho homem aprende afinal a se envergonhar de seus instintos, a caminho de se tornar um “anjo” o homem passa a renunciar sua alegria animal, e assim torna a vida sem sabor” (Nietzsche, 2009, p. 52). Segundo Nietzsche, no processo civilizatório o homem buscou um sentido para seu sofrimento, e para justificar o sofrimento o homem inventa deuses, estes como amigos de espetáculos cruéis.

O sentimento de culpa das obrigações pessoais vem da relação material entre comprador e vendedor, foi aqui que o homem passou a medir-se um com outro, a estabelecer preços, medir valores, realizar trocas, assim nasce o primeiro orgulho do humano, designando como o ser que mede valor, valora e mede, tendo relação com a moral da justiça (Nietzsche, 2009, p. 54). Como já vimos no contexto da transmutação dos valores, a vingança passou a ser sacralizada sob o nome de justiça, pois o ódio, a inveja, o rancor, nasce do espírito do ressentimento, o espírito de justiça se acha no terreno do sentimento reativo, isto ocorre quando o homem é justo até mesmo com os que prejudicam, do homem do ressentimento nasce a “má consciência”.

“(…) O homem ativo, violento, excessivo, está sempre bem mais próximo da justiça que o homem reativo; pois ele não necessita em absoluto avaliar seu objeto de modo falso e parcial, como faz, como tem que fazer o homem reativo. Efetivamente por isso o homem agressivo, como o mais forte, nobre, corajoso, em todas as épocas possui o olho mais livre, a consciência melhor: inversamente, já se sabe quem carrega na consciência a invenção da “má consciência” (...) (Nietzsche, 2009, p. 58).

A origem e finalidade do castigo encontram-se na idiosincrasia democrática (características particulares, comportamentos de uma pessoa ou grupo, moldados pela cultura), ou seja, dependerá da situação particular. Antes, onde prevalecia a teoria da vontade de poder, dos instintos dominantes, que se afirmavam na atividade, agora está em segunda ordem, na “adaptação”. A penalidade passa a depender de uma instituição de direito, de costume social, de um uso político, ou religioso. Essa “adaptação” desconhece a essência da vida, a sua vontade de poder, com isto não se percebe a primazia fundamental das forças espontâneas, expansivas, criadoras de novas formas, interpretações e direções. (Nietzsche, 2009, p. 62).

O castigo passa a ter vários sentidos ou direcionamentos: o castigo como impedimento de novos danos, como pagamento de dano sob qualquer forma (até

mesmo de compensação afetiva), como isolamento de uma perturbação, como inspiração de temor àqueles que determinam ou o executam, como compensação através do trabalho, como festa de um inimigo vencido, como memória, chamado de correção, para aqueles que testemunham, como honorário, que protege o malfeitor dos excessos de vingança, a vingança como declaração do ato de guerra. A crença no castigo, sobretudo, teria ainda o valor de despertar no culpado o sentimento de culpa, criando assim o verdadeiro instrumento dessa reação psíquica, “má consciência”, “remorso” (Nietzsche, 2009, p. 62-64). Em contrapartida, Nietzsche aborda essa questão expondo que no geral o que se consegue com o castigo é apenas o acréscimo do medo, a intensificação da prudência, o controle dos desejos: assim o castigo doma o homem, mas não o torna “melhor” (Nietzsche, 2009, p. 66). A “má consciência” é uma doença que o homem teve que contrair com a mudança que viveu no processo de sociabilização, suas pulsões ficaram sem valor, seus impulsos não são mais naturalmente certos, são agora regulados pela consciência. Os instintos que não foram descarregados para fora voltam-se para dentro, isso Nietzsche chama de *interiorização* do homem. Em suma, o castigo fez com que todos aqueles instintos do bicho homem, livre e errante, se voltassem para trás, contra o próprio homem (Nietzsche, 2009, p. 67). Como afirma:

“A hostilidade, crueldade, o prazer na perseguição, no assalto, na mudança, na destruição, tudo isso se voltando contra os possuidores de tais instintos: esta é a origem da má consciência” (2009, p. 68).

O homem, diante dessa repressão e regularidade de costumes, maltratou a si, tornando-se prisioneiro de uma ânsia e do desespero, inventando, com isso, a “má consciência”, assim introduziu a pior e mais sinistra doença, da qual até hoje não se curou a humanidade: o sofrimento do homem com o homem, isso como resultado da separação violenta dos impulsos do bicho homem, o qual inspirava a ele mesmo, tendo agora estes impulsos voltados contra si. Neste sofrimento, o homem passa a criar espectadores divinos, assim despertos com um movimento de esperança, como se o homem não fosse mais uma meta, mas apenas um caminho, uma ponte, uma promessa. Vale salientar que a origem da má consciência, para Nietzsche, não foi voluntária nem gradual, mas de uma fatalidade inevitável, organizado por um Estado que surgiu como uma terrível tirania diante de uma população sem normas e sem freios, imprimindo, o instinto de liberdade foi reprimido pela força coercitiva do Estado (Nietzsche, 2009, p. 68,69).

A má consciência passa a construir ideais negativos, além da ausência de si, a abnegação, sacrifício, como também o valor moral do “não-egoísmo”, desse modo, somente ela gera a vontade de maltratar-se e fornece condição primeira para o valor do “não-egoísmo” (Nietzsche, 2009, p. 71).

Nietzsche apresenta a má consciência como uma doença, iniciada historicamente na relação de devedor e credor, assim tal questão desdobra-se desde a relação entre os vivos e seus antepassados, uma herança que perpassa na história da humanidade como dívida diante da moralidade de seus costumes tradicionais. Vale salientar que o reconhecimento dos vivos para com seus ancestrais é tido como uma obrigação jurídica e como um vínculo afetivo, a subsistência dessa (estirpe) descendência graças aos sacrifícios e as realizações de seus antepassados, é preciso pagar essa dívida, portanto, com contínuos rituais e sacrifícios (festas, música, homenagens, sobretudo obediência) que não cessam pelo fato do reconhecimento na consciência dos vivos uma estirpe de espíritos poderosos. Os ancestrais das estirpes mais poderosas deverão, afinal, por força da

fantasia do temor crescente, assumir proporções gigantescas e desaparecer na treva da dimensão divina (inquietante e inconcebível), o que acaba sendo transfigurado como Deus, nesse sentido, segundo Nietzsche, talvez nisso esteja a origem dos deuses, uma origem do medo (Nietzsche, 2009, p. 71-72).

A consciência de ter dívidas para com a divindade é histórica, e ela não se extinguiu, assim como as noções dos conceitos de “bom” e “ruim” da nobreza de estirpe, a humanidade recebeu como herança das divindades tribais e familiares, o peso das dívidas não pagas, e o anseio de resgatar-se, assim, o sentimento de culpa em relação à divindade não parou de crescer durante séculos, o advento do Deus cristão trouxe também ao mundo o máximo de sentimento de culpa (Nietzsche, 2009, p. 73).

Pode-se agora entrelaçar a moralização (na religião) das noções de “culpa”, “dever” e “má consciência” com a noção de Deus, a crença em nosso “credor” (Deus), no entanto, houve a paradoxal e terrível inversão entre o “credor” e “devedor” (nós), sabendo que em todo processo a má consciência sobressai e se enraíza no “devedor” com a impossibilidade de pagar a dívida. Com a ideia de um castigo eterno (mesmo voltando-se contra o “credor” que amaldiçoou o homem – “Adão”, “pecado original”, “princípio do mal”.), ocorre o consolo e alívio momentâneo para o homem com o golpe de gênio do cristianismo: Deus passa agora a se sacrificar pela culpa dos homens, Deus pagando a si mesmo, Deus como único que pode redimir o homem daquilo que para o próprio homem se tornou irredimível, ou seja, o credor se sacrificando por seu devedor, por amor a seu devedor (Nietzsche, 2009, p. 74).

A má consciência que se iniciou com a relação entre os vivos e ancestrais, com a domesticação do “Estado”, tem no homem que se apodera da religião, a sua culminância moral. Para Nietzsche, o homem toma para si a ideia moral de culpa, uma espécie de loucura de vontade de se torturar, de considerar-se indigno, de crer-se castigado, uma crueldade psíquica e reprimida de sua própria natureza, uma dívida eterna para com Deus; Nietzsche trata tal acontecimento como uma doença, a Terra como um hospício (Nietzsche, 2009, p. 75,76).

Para Nietzsche, a culpa não é uma qualidade inata ou universal do ser humano, mas uma construção social e histórica que evoluiu ao longo do tempo, especialmente com o desenvolvimento das sociedades organizadas e das religiões morais, como o cristianismo. Através da necessidade de criar promessas e dívidas, a culpa estava ligada à dívida econômica e a obrigação de retribuição, de caráter material, ou seja, se a pessoa causa um dano à outra, deveria pagar por isso, através de um castigo, assim, a culpa tem sua raiz na relação econômica e jurídica entre credor e devedor. Nesse contexto, a má consciência passa a ser o resultado da internalização dos instintos. Nos primórdios, as sociedades primitivas podiam expressar livremente seus instintos, mas com a criação de comunidades organizadas, esses instintos passaram a ser reprimidos. Com as normas estabelecidas e a repressão contínua, o homem passou a se autopunir, isso cria um estado permanente de má consciência, o indivíduo sente-se culpado e ressentido pela repressão de impulsos naturais. Nietzsche vê essa má consciência como uma doença da alma.

Pode-se dizer que a análise genealógica da moral em Nietzsche, possui uma observação “psicanalítica”, trata-se de como o homem chegou à condição de uma má consciência, o que implica sondar os primórdios da cultura, o que recorre no âmbito da história e da antropologia. Vale salientar, que não se trata de um simples diagnóstico, mas uma importante crítica às implicações da moralidade tradicional. Segundo Giacóia:

“Nietzsche combina perspectivas históricas e psicológicas, descobrindo por meio disso momentos de cristalização e processos de desenvolvimento em diferentes morais, mostrando o estatuto da linguagem simbólica que é característico da moralidade, enquanto transfiguração de impulsos e afetos” (2002, p. 26).

Assim é conhecido um percurso histórico da moral socrática-platônica-cristã revelando-se como resultado de um longo desenvolvimento histórico de formação que combina o platonismo e cristianismo considerada raízes culturais do ocidente. No entanto, a consciência filosófica conquistou para Nietzsche o direito de colocar em questão, de problematizar, os valores mais venerados pela moralidade a moral cristã.

4 ASCESTISMO: IDEAL DA MORAL CRISTÃ

Antes de tudo, o que significa os ideais ascéticos? Nietzsche aborda o que são esses ideais para alguns sujeitos: para o artista, nada de mais, para os filósofos ou eruditos, condições propícias para uma elevada espiritualidade, para as mulheres, um encanto a mais de sedução, para os deformados ou desgraçados, uma forma de ver-se “bom”, ou como uma forma de combater as dores e tédio da vida, para os sacerdotes e santos, a sua melhor forma de poder, o seu descanso no nada (Deus). Segundo Nietzsche, o desejo pelo ideal ascético é um horror ao vácuo, demência, o homem que precisa de objetivo prefere “querer o nada a nada querer” (Nietzsche, 2009. p. 80).

O ideal ascético representa um conjunto de valores e práticas que enfatizam a renúncia, autonegação, e a repressão dos instintos vitais. Nietzsche criticava o artista que valoriza o ideal ascético, a exemplo do compositor Richard Wagner com sua ópera “Parsifal”, que enaltecia os valores morais tradicionais, piedade, compaixão, santidade e pureza em nome do divino. Até mesmo o filósofo Schopenhauer, que segue a ideia kantiana do “Belo”, que “é aquilo que agrada sem interesse”, e o que Stendhal diz “uma promessa de felicidade”, assim este filósofo descreveu um efeito do belo como acalmador (a exemplo de uma apreciação do desejo sexual), assim, Nietzsche faz sua crítica argumentando a contradição deste filósofo, na qual a realidade ele utiliza a arte para negar suas vontades, a visão do belo como estímulo libertador da força principal de sua natureza (a força da reflexão e do olhar aprofundado), o torturado que buscam livrar-se da sua tortura, daí seu real interesse de um filósofo render homenagem ao ideal ascético, eles consideram o ideal ascético como um *optimum* das condições mais altas, “afirmando sua existência” (Nietzsche, 2009, p, 86-88, 90).

Os filósofos passam a utilizar o ideal ascético como um refúgio, querem estar livres da perturbação, barulho, negócios, preocupações, eles pensam no ideal como um tornar-se divino, com o “esplendor” das três palavras do ideal ascético: humildade, pobreza, castidade, o que, para Nietzsche, não há nenhuma virtude nisto.

Vale salientar que o sacerdote ascético tem no ideal não apenas a sua fé, mas também sua vontade, seu poder, bem como seu interesse, pois temos um adversário que luta por sua vida combatendo os que negam esse ideal, eles passam a considerar a vida no plano terreno, mas apenas como ponte para outra existência, ou seja, uma vida ascética. Um notório problema dos seguidores deste modo de vida

é diretamente considerar o plano de vida terreno como negativo, e ainda influenciar outros como rebanho e ainda estabelecem ou determinam sua crença:

“(...) O asceta trata a vida como um caminho errado, que se deve enfim desandar até o ponto onde começa; ou como erro que se refuta – que se deve refutar com a ação: pois ele exige que se vá com ele, e impõe, onde pode, a sua valoração da existência (...)” (Nietzsche, 2009, p. 98).

A vida ascética é uma contradição, sobretudo uma negação de si que traz culpa, ressentimento e má consciência, temos um exemplo direto no cristianismo que propõe a negação de si mesmo para fazer a vontade de Deus, em detrimento da vida no plano terreno, comprometendo sua vontade que impulsiona a vida. Para Nietzsche, os impulsos não se restringem apenas às necessidades básicas ou biológicas, mas incluem uma ampla gama de desejos que visam a afirmação e a expansão do poder. A vontade de poder subjaz todas as ações e desejos humanos, a vontade de afirmar, expandir e expressar sua própria força e vitalidade, isto transcende as necessidades fisiológicas e abrange todos os aspectos da vida humana, incluindo a criatividade e a busca de significado. Os seres humanos têm um desejo inerente de autoafirmação, auto superação e reconhecimento. Nietzsche critica a moral do ressentimento por suprimir a vontade de poder e os impulsos naturais do indivíduo, ele vê a moral cristã como um enfraquecimento e negação da vida.

No ascetismo usa-se a força para estancar a fonte de força, se vai contra seu próprio florescimento (vitalidade) fisiológico, contra sua expressão, beleza e alegria, ao mesmo tempo, enquanto se experimenta e se busca a satisfação no fracasso, no insucesso, na desventura, na perda voluntária, no autossacrifício e negação de si. Assim lutou o ideal ascético, diante do enigma de sedução, êxtase e tormenta, acreditando no triunfo de vitória e salvação (Nietzsche, 2009, p. 99)

A moral dos nobres é aquela que afirma a vida, pela celebração da força, da vitalidade e da capacidade de criar seus próprios valores. O ideal ascético, presente no cristianismo, gera uma moral antinatural, repressiva e, para Nietzsche, essa moral se dirige contra os instintos vitais. Quando se diz: “Deus vê dentro dos corações”, diz-se não às aspirações superiores da vida. O santo que agrada a Deus é castrado, a vida finda ali onde se inicia o reino de Deus (Nietzsche, 2009, p. 31). A moral antinatural, obrigar a jejuar, vai ao encontro do que te apetece, impõe sacrifícios, dissemina ideia de práticas individuais de autossacrifício e renúncia. A morte de Cristo é entendida como seu sacrifício pelos pecados da humanidade, assim o homem passa a ter uma dívida com Deus. No entanto, os cristãos são chamados para viver uma vida de auto sacrifício, seguindo o exemplo de Cristo, isso inclui a negação de si, a tomada da cruz e o seguimento de Jesus (Lucas 9:23). A renúncia aos prazeres mundanos, o jejum, a castidade, a oração e a caridade são tidos como virtudes cristãs; valoriza a renúncia aos bens materiais e ao conforto excessivo como um meio de alcançar uma proximidade com Deus. Muitos santos e figuras religiosas renunciaram a riquezas para viverem na pobreza voluntária e no serviço aos outros; o amor e servir ao próximo são uma forma de sacrifício, isto inclui sacrificar o tempo e o conforto pessoal para ajudar aqueles que necessitam seguindo o mandamento de “amar o próximo como a si mesmo” (Lucas 10:27); o perdão enquanto sacrifício pessoal, em imitação ao perdão oferecido por Deus por meio Cristo, ou seja, o sacrifício da própria vida por peça fé, considerado o supremo testemunho de fidelidade a Deus. A moral cristã exige que o indivíduo negue sua vida pelo ideal ascético, buscando o reino dos céus.

Nietzsche vê a moral ascética como aquilo que provoca fraqueza, submissão e negação da vida. O cristianismo promove uma “moral dos escravos”, esta moralidade valoriza a humildade, a obediência e a submissão, vistas como virtudes para elevar os fracos como reação à vitalidade dos fortes, isto é, um impulso causado pelo ressentimento contra os nobres tidos como “maus” pela transmutação dos valores. Os valores cristãos são uma inversão dos valores naturais, onde os fortes são demonizados e os fracos são glorificados. A exaltação da pobreza e da humildade como uma glorificação da fraqueza; o cristianismo como uma religião que nega a vida terrena ao promover a ideia de que a verdadeira recompensa vem após a morte, no céu, ao invés de buscar a realização e a felicidade na vida presente, um ideal de santidade e o martírio, que envolvem a renúncia aos prazeres e as realizações terrenas em favor de recompensas espirituais.

Em suma, o cristianismo, para Nietzsche, suprime a verdadeira natureza humana, promove a fraqueza e nega a vida ao valorizar o reino espiritual, tal crença impede a auto superação e a realização pessoal, promovendo uma moralidade prejudicial ao desenvolvimento humano e à expressão plena de sua verdadeira vontade. Em contrapartida, deve-se seguir uma moralidade dos fortes que dizem Sim à vida, afirmando-a com valorização da própria força e vitalidade, resultando no encorajamento do indivíduo em criar seus próprios valores.

Para Nietzsche há uma contradição ir ao encontro como se pode ir ao encontro ao próprio eu, nós, homens do conhecimento, precisamos observar a clara contradição e antinatureza da moral. No experimentado modo verdadeiro, real de nosso instinto, pode-se evidenciar a autêntica vontade, não se pode cometer o erro de recusar a crença em seu Eu, negar a si sua realidade, isto é uma violência contra a razão, os ascetas voltam a razão contra a razão. Os grandes filósofos devem questionar as antigas fábulas conceituais que estabelecem um “puro sujeito” do conhecimento, isento de vontade, alheio à dor e ao tempo”, guardemo-nos dos conceitos contraditórios como “razão pura”, “espiritualidade absoluta”, “conhecimento em si” (Nietzsche, 2009, p. 100).

O ideal ascético é a “vida contra a vida” considerando o fator fisiológico, ele nasce do instinto de cura e proteção de uma vida que degenera, por ser uma luta contra a morte, com o desgosto da vida, com exaustão, e com desejo do “fim”. É um artifício para a preservação da vida. Ele se apoderou dos homens historicamente, onde se impôs a civilização e domesticação, assim gerou a condição doentia do tipo de homem domesticado. O sacerdote ascético com seu desejo de estar em outro lugar, ou seja, o poder do seu desejo o faz como instrumento para criar condições mais propícias para o homem no plano terreno, é com isso que ele mantém todo o rebanho de sofredores, sendo seu pastor. Desse modo, o sujeito passa a controlar ou manipular as vontades dos fiéis ao ideal ascético de forma tão sutil e delicada que o Não que eles dizem à vida, eles o interpretam como luz, ou como mágica, os Sins são delicados, o sim é a ferida que os fazem viver (Nietzsche, 2009, p. 101-102).

Nietzsche trata o homem do ideal ascético como o homem doente, que é um perigo para os fortes, pois o mal vem dos mais fracos, e se, por exemplo, esses se juntassem algo de monstruoso viria ao mundo, seus desdobramentos seriam a vontade do nada, ou seja, um niilismo. Os valores e significados tradicionais perdem seu poder e se tornam vazios. Para Nietzsche, o niilismo é o fundamento do colapso dos valores e significados tradicionais, em especial os valores morais e culturais do Ocidente. Ele critica esse ideal como expressão de fraqueza e ressentimento, por meio da vingança e rancor conspirando contra os vitoriosos, são chamados de

“vermes da vingança” que se proliferam, utilizando-se nobre eloquência que flui de seus lábios, com humildade açucarada, pregam o amor, a justiça, a superioridade, a sabedoria, eis a pretensão desses enfermos e essa ambição se torna hábil, devido à habilidade de falsários que eles possuem, manipulam a virtude, eles dizem: “nós somente nós, somos os bons”, “homens de boa vontade”, eles buscam aparecer como “almas belas”, lutam contra os sãos de forma silenciosa e astuta para encenar a “nobre indignação”. Os homens do ressentimento são contra os homens felizes, e em suma recorrem a sua triunfal vingança:

“(…) e também em máscaras de vingança, em pretextos para vingança: quando alcançariam realmente o seu último, mais sutil, mais sublime “triunfo da vingança”? Indubitavelmente, quando lograssem introduzir na consciência dos felizes sua própria miséria, toda a miséria, de modo que estes um dia começassem a se envergonhar da sua felicidade, e dissessem talvez uns aos outros: “é uma vergonha ser feliz! Existe muita miséria (…)” (Nietzsche, 2009, p. 105).

Não poderia haver maior erro do que o homem feliz, o poderoso inteiramente, começasse a duvidar de sua própria felicidade, comprando a ideia da moral do ressentimento. Assim, Nietzsche argumenta que os sádios devem estar apartados dos doentes, o superior não pode ser rebaixado ao inferior. O homem nobre deve afastar-se de todos os hospícios e hospitais da cultura, voltando-se para a sua própria companhia para se defender deste negativo ideal ascético. O sacerdote ascético, considerado o salvador, pastor e defensor, é o que conduz o rebanho doente (assim entendemos sua missão histórica), a dominação dos que sofrem é o seu reino, e neste encargo ele dirige seu instinto, sua arte, sua espécie de felicidade. Ele mesmo tem que ser doente, ou seja, aparentar ser assim, e, ao mesmo tempo forte, senhor de si em sua vontade de poder para passar confiança e conduzir o rebanho, defendendo seus seguidores contra os sãos (Nietzsche, 2009, p, 103-105).

O sacerdote ascético se comporta como um urso entre as aves de rapina, venerável, se apresentando prudente, superior-enganador, mas ele necessita ferir para ser médico, ele envenena no mesmo ato que fere, ou seja, prega a dívida com Deus e, ao mesmo tempo fala da necessidade de autosacrifício, é o feiticeiro e domador. Nesse sentido, tudo o que é são torna-se doente. Além disso, o sofredor busca um culpado, e o sacerdote ascético direciona o ressentimento dizendo que os próprios fracos são os culpados de seu sofrimento. Na transmutação de conceitos ocorridos ao longo da história, como vimos na *Genealogia da moral*, com sua inversão de valores, os conceitos de “culpa”, “pecado”, “pecaminosidade”, “corrupção”, “danação”, ou seja, os instintos ruins dos sofredores são invertidos para o fim de autodisciplina, autovigilância, autossuperação, influenciados pelo caráter “curandeiro” do sacerdote ascético (Nietzsche, 2009, p. 106).

Para Nietzsche, em suma, a “natureza pecaminosa” do homem não é um fato, mas apenas a interpretação do fato, vista sob uma perspectiva moral-religiosa. Eis o papel do sacerdote ascético como “médico” ou mediador do seu rebanho conduzindo ao entendimento, ou rituais místicos, aliviando o sofrimento seja através dos cultos, das atividades de trabalho, dos atos de beneficiar, servir, ajudar, convencer, louvar, animar o próximo, tudo isso são prescrições desse sacerdote, que servia como uma pequena alegria ao rebanho, contra a depressão era um meio de cura a alegria de causar alegria, todos esses atos constituem o mais abundante consolo para estes sofredores. A formação do rebanho e crescimento da comunidade também é uma ajuda essencial na luta contra o sofrimento organizado pelos sacerdotes, haja vista que os fortes tendem a dissociar-se, enquanto os fracos

como reação à sua vontade coletiva de poder associam-se, em detrimento de sua vontade natural ou desgosto individual consigo mesmo (Nietzsche, 2009, p. 114-116).

O ideal ascético serviu ao propósito de amenizar o excesso de sentimento, a capacidade de expressar ou descarregar a raiva, pavor, volúpia, vingança, esperança, triunfo, desespero, crueldade. O sacerdote ascético tomou como o mais perigoso e fatal artifício de interpretação religiosa ao seu serviço, com interpretação e justificação religiosa, como refúgio enganoso aos seus seguidores, ou um falso paliativo de suas vontades, onde torna o doente mais doente, o mesmo erroneamente tornando-se o próprio culpado. O homem passa a recorrer ou aconselhar-se com alguém que “conhece” as coisas ocultas, o sacerdote ascético, aquele que, por sua vez, aproveita-se do sentimento de culpa, este sendo o verdadeiro artista deste sentimento, dar a forma, chamando-o de “pecado”, daí a reinterpretação sacerdotal da “má consciência”. Para Nietzsche, este foi até agora o maior acontecimento da história da alma enferma, o mais perigoso artifício da interpretação religiosa, a reinterpretação do sofrer como sentimento de culpa, medo e castigo; o pecador na roda cruel de uma consciência inquieta. Todo excesso de sentimento que gera dor é destruidora da saúde e do vigor, a engenhosidade do próprio inferno, favorecia ao ideal ascético (Nietzsche, 2009, p. 119-122). Nesta perspectiva, sabendo da distinção entre a moral dos escravos (ressentimento, fraqueza) e a moral dos senhores (nobreza, força), o excesso de sentimentos é frequentemente associado à moral dos fracos, onde o ressentimento e a autopiedade dominam, em contraste com a assertividade e vitalidade da moral nobre.

O cristianismo é uma religião de decadência, porque seus ideais de bondade e humildade enfraquecem a vitalidade da humanidade, e os sacerdotes ascéticos são perpetuadores da moral que enfraquece a humanidade (Nietzsche, 2009, 123-125). Ele passa a ser considerado o mais engenhoso e consolador do sofrimento, do cansaço dos fisiologicamente travados. Em suma, os meios utilizados por este sacerdote ascético, como meio de sustentar o ascetismo, são o amortecimento geral do sentimento de vida, a atividade maquinal, a pequena alegria, a do “amor ao próximo”, sobretudo, a organização gregária, o despertar do sentimento de poder da comunidade, onde o desgosto consigo é amenizado junto à comunidade da igreja.

Nietzsche também aborda a questão de qual seria o combate para este ideal, a contrapartida deste ideal ascético. Assim, ele menciona a ciência, porém de forma crítica pois ela também possui uma meta, um ideal, uma vontade, uma paixão, a ciência é também um esconderijo, para o desânimo, descrença, remorso, má consciência, a inquietude para ausência desse ideal, pois ela busca o valor supremo da vontade de verdade. Este conhecimento afirma outro mundo, e ainda possui uma fé metafísica. Ele não considerou a ciência como oposto ao ideal ascético, até na perspectiva fisiológica ela pisa no mesmo chão do ideal ascético, em um certo empobrecimento da vida, onde as emoções são tornadas frias, ciência moderna é aliada a este ideal. Além da ciência, também a arte e a Filosofia eram criticadas. A arte por produzir ou representar a vontade de ilusão, os artistas ambiciosos que pousam de sacerdotes e ascetas. No contexto do conhecimento filosófico, temos o exemplo de Platão que acredita neste mundo ideal, de formas eternas e imutáveis. O ideal ascético foi o senhor da Filosofia, porque a verdade era entronizada no Ser Supremo, eis o problema do valor da verdade, negar este Ser era negar a verdade. Se este ideal ascético for desconsiderado, o homem não dará sentido ou finalidade à sua existência, daí cairá no niilismo, um modo de vida sem sentido, porque a

questão neste contexto não é sofrer, mas, “para quê sofrer?”. O ideal ascético oferece sentido à humanidade. Mesmo assim, Nietzsche apresenta isto como um ódio contra a realidade humana, um horror à própria vitalidade humana, ele conclui que tudo conduz à vontade de nada, o homem ainda está em busca de “querer o nada a nada querer” (Nietzsche, 2009, p. 126-140).

Embora distinta da religião, a ciência adota uma postura ascética na busca da verdade absoluta, ela passa a substituir a religião (Deus) por outro ideal ascético, sua procura técnica, objetiva, focada nas leis universais, ignora muitas vezes as reais necessidades humanas e os aspectos vitais da existência. Ao buscar uma verdade puramente objetiva, torna-se uma nova forma de ascetismo, onde o cientista sacrifica sua própria vida e emoções em nome do conhecimento, como sacerdotes ascéticos, exibem um tipo de autonegação, uma dedicação a uma verdade (absoluta) científica com fervor quase religioso. No caso da arte, Nietzsche a valoriza como uma possível saída deste ideal ascético, ele vê a arte como uma forma de afirmar vida, com todas as suas dores e prazer, em vez de negá-la, tal arte é a grande possibilitadora da vida, ela faz suportar a verdade do sofrimento humano. Em contrapartida, ele critica certas formas de arte que promovem a decadência e a negação da vida, como a arte cristã que glorifica o sofrimento e a renúncia. Outro ponto criticado enquanto ideal ascético é a própria filosofia, isto é, a filosofia tradicional que adota um ideal ascético, buscando uma verdade absoluta e transcendendo a realidade. Filósofos como Sócrates e Platão com o dualismo ontológico, propondo a existência de um mundo das ideias, sendo este mundo sensível o das aparências. No entanto, Nietzsche vê o ideal ascético como uma força predominante e negativa que permeia o cristianismo, a ciência, a arte e a filosofia, por negarem a vida e os instintos, desse modo, ele propõe uma nova filosofia que afirme a vida, os instintos e a vontade de potência, rejeitando a autonegação e a transcendência. A filosofia deve voltar-se para a realidade humana e afirmar a vida em toda a sua complexidade, ao invés de buscar refúgio em ideais transcendentais; a visão alternativa percorre por uma arte e uma nova filosofia, estas podem superar o niilismo e o ideal ascético, celebrando a vida em toda sua vitalidade.

5 CONCLUSÃO

A *Genealogia da moral* realiza uma crítica da moralidade ocidental, focando na origem e transmutação dos valores morais. Nietzsche discute que a moralidade não é um conjunto de princípios eternos e universais, mas sim algo que é criado e moldado por contextos históricos e sociais. Vale salientar que Nietzsche discute em sua obra os principais conceitos relacionados à moral cristã, como “culpa”, “má consciência” e “ascetismo”. Pode-se acreditar que o foco de tal questão tem influência de sua carreira como filólogo, um notório estudioso da língua e literatura em suas formas clássicas. A filologia envolve uma análise e interpretação de textos antigos e pode abranger várias áreas, incluindo a linguística histórica, crítica textual, e a edição de textos.

Nietzsche é reconhecido por suas contribuições à filosofia. Ele escreveu extensivamente sobre a moralidade, religião, cultura e ciência, publicou vários livros que não só abordam temas filosóficos, mas oferecem críticas culturais e reflexões pessoais. Sua escrita é conhecida pelo estilo aforístico e poético. Um crítico cultural, pois é um crítico incisivo da cultura, a religião e a sociedade de sua época,

explorando como esses elementos moldam e influenciam a moralidade e a psicologia humana.

Podem-se analisar diversas reflexões relevantes sobre as contradições dos valores apontados em seu diagnóstico dos valores morais, ele examina a origem e o desenvolvimento dos valores ocidentais em sua transmutação. Na crítica da moral do ressentimento, Nietzsche propõe uma análise genealógica para entender como esses valores foram construídos no processo histórico da humanidade.

A moral refere-se a um conjunto de normas, princípios e valores que orientam o comportamento humano, definindo o que é considerado certo ou errado, bom ou mau, aceitável ou inaceitável em uma sociedade. A moralidade abrange tanto o comportamento individual quanto as relações sociais, é um caráter que se conforma às normas morais. Desse modo, Nietzsche realiza uma genealogia dos valores morais, mencionando a moralidade dos nobres e, em contrapartida, a moral dos escravos; a moralidade dos fortes: baseada em uma aristocracia onde o “bom” é associado à nobreza, o poder. Os nobres definem o bem em termos de seus próprios valores de força e domínio de suas vontades, sendo, neste sentido, “ruim” os que são submissos, fracos, inferiores. Com a rebelião judaico-cristã na moral, os valores são invertidos, a moral dos escravos como resposta reativa aos nobres, o ressentido, junto a aristocracia sacerdotal, passa a ser considerada como “bom”, associado à humildade e compaixão, por sua vez, a moral dos nobres passa a ser considerada como “má”, impulsionada pelo ressentimento, isto é, uma reação psicológica dos fracos contra os fortes, levando à transmutação dos valores “bom” e “ruim” em “bom” e “mau”, isto nasce do embate entre a aristocracia sacerdotal e a aristocracia guerreira.

Na origem da “culpa” e da “má consciência”, está a relação credor-devedor. Nietzsche sugere que o sentimento moral de culpa tem suas raízes na relação material entre credor e devedor. Assim, toda dívida deve ser paga, pois a promessa cria um vínculo entre uma determinação qualquer da vontade (um “eu quero”, “eu farei”) e o cumprimento dessa vontade na ação futura, caso contrário, há o castigo aplicado. No campo moral não é diferente, a culpa original está relacionada a uma dívida que precisava ser paga ou compensada. O cristianismo utiliza-se do pecado original no qual o homem pecou contra Deus, e tem uma dívida com Ele, haja vista que nos primórdios o costume de prestar cultos ou rituais de sacrifícios aos ancestrais foram práticas que perpassaram ao longo da história, esses ancestrais eram considerados como deuses, Nietzsche até questiona se a origem dos deuses veio dessa veneração. Na perspectiva cristã, Jesus paga essa dívida, todavia, o homem continua até hoje como devedor deste sacrifício. Com o desenvolvimento das sociedades, a culpa passou de um sentido econômico para um conceito moral e psicológico. Daí a “má consciência”, pela eterna dívida a Deus que deu seu filho para morrer pela humanidade, devo assim negar minha vontade, em auto sacrifício para satisfazer a vontade do Pai Eterno. Os instintos humanos são reprimidos pela sociedade ou sacerdotes ascéticos, chamados de enganadores por Nietzsche, prometendo o “Nada” do ideal ascético, tal repressão das vontades leva os indivíduos a dirigirem suas pulsões contra si, resultando no sentimento moral de culpa, isto é, o próprio indivíduo é culpado pelo sofrimento.

A crítica aos ideais ascéticos se dá por conta da sua autonegação, da renúncia aos afetos e pulsões, expressão de hostilidade contra a vida e os instintos. Esses ideais surgem como tentativa de dar significado ao sofrimento. Como um instrumento de poder, os sacerdotes ascéticos utilizam esses ideais para manipular e controlar os sofredores, transformando esses sentimentos em falsas virtudes,

apesar deste ideal oferecer sentido de propósito e justificativa para o sofrer, em especial em condições adversas, aprofunda a doença e cai no niilismo. No entanto, a vontade de potência deve ser acionada, Nietzsche indica a necessidade da autoafirmação como força motriz essencial na criação e transformação dos valores morais.

A *Genealogia da moral* faz uma crítica radical da moral cristã, pode-se dizer que os valores morais surgem do ressentimento, do predomínio das forças reativas sobre as forças ativas: o “Não” é o seu ato criador. Tal reflexão continua a influenciar a filosofia contemporânea, incentivando uma reavaliação crítica da origem e funções da moralidade. Nietzsche incita a vontade de potência como um princípio central que explica as motivações humanas e a dinâmica das relações de poder, ele critica a moral e seus correlatos diretos: o ressentimento, a culpa, a má consciência, o ascetismo, ou seja, a negação da vida. A dominação ascética de uma vida enfraquecida e doente.

A obra de Nietzsche leva à necessidade de reflexão sobre a superação de si e a criação de novos valores, isto é, a reavaliação dos valores, explorando a autossuperação e a criação de significados que fortaleçam a afirmação da vida. Por outro lado, o sacerdote ascético busca aprofundar o sofrimento, intensificá-lo até o paroxismo mediante a representação de uma dívida irresgatável, que corresponde a uma culpa que jamais pode ser esquecida e a qual deve corresponder um sofrimento permanente. O que o ideal ascético busca conservar é, portanto, um tipo de vida fraca.

REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Paulo César de Lima Souza.

São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, F. **O Anticristo**. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2000.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos Ídolos**. Rubens Rodrigues Torres Filho. Lisboa: Edições 70, 2017.

GIACOIA, J. **Nietzsche & Para Além de Bem e Mal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MACHADO, R. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que de forma direta e indireta contribuíram para elaboração dessa pesquisa. As pessoas que estiveram seja mim orientando academicamente ou mesmo na minha vida pessoal.

Ao meu orientador Dr. Thalles Azevedo Araujo (UEPB) em especial, minha admiração por sua atuação profissional no Curso de Filosofia, bem como pela sua paciência e dedicação neste trabalho. Muito grato pela atenção e respeito fornecido.

A equipe de professores do Curso de Filosofia pela dedicação do ensino, os quais contribuíram desenvolvendo um excelente trabalho apesar das dificuldades, a todos os meus colegas de curso que ajudaram direta e indiretamente no desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores da banca Dr. José Nilton Conserva de Arruda e, Dr. José Arlindo de Aguiar Filho.

Em peculiar minha mãe Josefa Maria Ferreira por caminhar comigo numa incessante luta tentando me ajudar nos estudos, ao meu saudoso pai Daniel Ferreira de Maria, pelo seu maior legado de incentivo constante aos estudos, educando e alertando sobre a grande relevância de adquirir conhecimento, mesmo em sua ausência pelo seu mesmo tentando enfrentar a enfermidade constante do meu pai. Ainda a ele pelo seu legado de compromisso, responsabilidade e dedicação, lutando de forma ativa à vida.